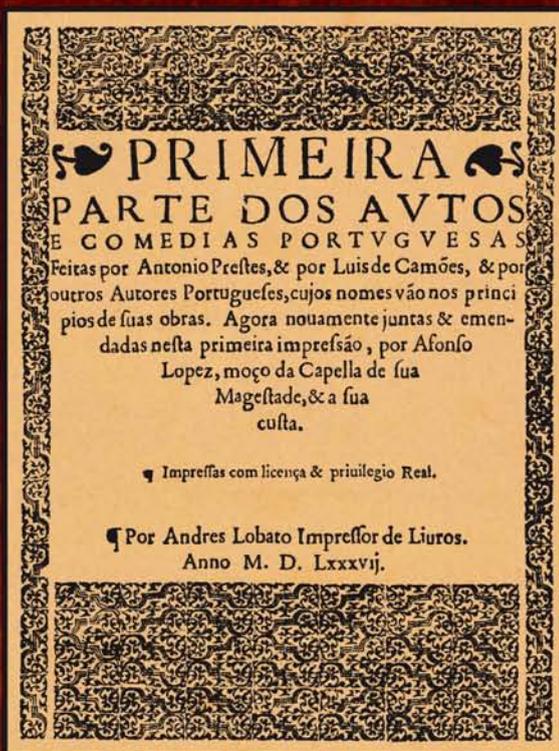


AUTOS de ANTÓNIO PRESTES



Edição preparada no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, dirigida por José Camões, com Helena Reis Silva, Isabel Pinto Carlos e Lurdes Patrício (decorrente do projecto POCTI/ELT/33464/2000 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia), no âmbito do protocolo entre o Centro de Estudos de Teatro e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

INTRODUÇÃO

A recorrente fonte biográfica para os autores do século XVI, a *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, publicada em Lisboa, em quatro tomos, entre 1741 e 1759, alimenta os primeiros críticos modernos de António Prestes. As informações compiladas por aquele bibliófilo são relidas por Teófilo Braga, que as fixa nos volumes *Vida de Gil Vicente e sua escola* da sua *Historia do Theatro Portuguez* (Porto, Imprensa Portuguesa — Editora, 1870) e *Eschola de Gil Vicente e desenvolvimento do Theatro Nacional*, da série *Historia da Litteratura Portuguesa* (Porto, Livraria Chardron, 1898), e por Inocêncio Francisco da Silva, que as transcreve para o *Diccionario Bibliographico Portuguez* (vol. I, 1858, e vol. VIII, 1867) sem que nenhuma informação pertinente tenha sido acrescentada à pequena biografia setecentista.

No século XX, os críticos que se ocuparam da obra teatral deste autor mostraram-se incapazes de descobrir novos dados, que bem se resumem na síntese de I. S. Révah, no *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*: «nascido em Torres Vedras, ‘enqueredor do cível’ em Santarém, residia em Lisboa em 1565». No entanto, a *Biblioteca Lusitana* de Franco Barreto (manuscrito seiscentista que se conserva na Casa de Cadaval, e em fotocópias nos usuais da sala de reservados da Biblioteca Nacional), fonte directa da *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado, no fl. 245 fornece dados que parecem ter-lhe escapado, sobretudo a indicação de mais uma obra de

Prestes e a facilidade com que compunha, respondendo a encomendas:

António Prestes. Enqueredor em Santarém e de lá natural. Compôs:

Algumas comédias que são muito estimadas e foram impressas em Lisboa em folha. E entre elas alguns autos no que era tão fácil que quando alguma confraria queria alguma obra destas o avisava quinze dias antes e os fazia muito bem, quais foram o Auto da Ave Maria, a Degolação de São João Baptista e outras.

Esta nota de Franco Barreto é de capital importância para a História do Teatro em Portugal. Nela se podem colher informações de ordem diversa:

- a) Prestes compunha por encomenda e com facilidade;
- b) Entre as entidades clientes de teatro figuravam as confrarias, com responsabilidades na organização de festas do calendário religioso;
- c) As obras de teatro de Prestes conheceram em vida do autor edições avulsas;
- d) Pode acrescentar-se mais um título ao repertório do teatro português e à obra de Prestes: *Auto da degolação de S. João Baptista*;
- e) Começa a distinguir-se *comédia* de *auto*, ou, pelo menos, parece haver uma ténue tentativa de encontrar em *auto* uma especificidade de tema religioso que o pode demarcar do restante teatro.

Mas de como foi o teatro de Prestes nada se sabe.

É possível que o *Auto da Ave Maria* tivesse sido representado a pedido de alguma Confraria do Rosário, de inspiração dominicana, devota da virgem Maria, que promovia o uso constante da oração *Ave Maria* para o fortalecimento espiritual. Em Portugal, depois de estabelecida a primeira em 1478, foram ao longo do século XVI criadas várias destas confrarias, inclusivamente de escravos e de negros. Na segunda metade do século assiste-se a um interesse crescente por essas associações, com a publicação em 1573 de *O Rosário de Nossa Senhora*, de Nicolau

Dias, livro que conheceu até ao final do século variadas edições. Por coincidência, uma delas, a de 1583, seria patrocinada por Afonso Lopes, o mesmo moço de capela que quatro anos depois iria arcar com os custos da *Primeira Parte dos Autos e Comédias Portugueses*, que, logo a abrir, apresenta o *Auto da Ave Maria*.

Circunstâncias variadas permitem aventar a hipótese de a festividade religiosa motriz deste teatro, a julgar pela nota de Franco Barreto, ter tido lugar na cidade de Santarém, onde o autor exercia a sua profissão de Inquiridor. A população parece familiarizada com o tipo de espectáculo proposto pelo texto de António Prestes. Num manuscrito conservado na Biblioteca da Ajuda (50-V-40, 6, ff. 187-196v.) encontra-se o «Auto feito na villa de Samtarem por atº pirs a / festa e louuor de nosa sra da porta vallada anno / de mil e quinhentos e sesenta e seis anos ho / quall trata da vida do homem tirado do sagrado / avangelho do mesmo dia pello dito autor no quall / ãtrão as feguras que no descurço do auto verão». Começa com a entrada em cena do Conhecimento do Homem que explica como a obra que Deus quis perfeita caminha na imperfeição. As reflexões passam a ser em diálogo com o Desprezo do Mundo, convidando à esperança num redentor. Entra o Homem. Terá de fazer um percurso ao longo do qual encontrará diversos interlocutores (Vão Desejo, Pecado, Conhecimento, Caminho da Salvação, os três Bens, Amor do Mundo, os Mandamentos, o Juízo Humano, a Cega Afeição) que com ele se relacionarão de formas distintas, indicando-lhe ora o caminho do bem ora o do mal. Estes dois autos aparecem construídos sobre um mesmo modelo estrutural e temático, evidenciando, até, semelhanças formais, quer na sintaxe arresvesada, quer no vocabulário excessivamente rebuscado, que me levaram já a pôr a hipótese de «pirs» poder ser uma eventual abreviatura corrupta de «Prestes»¹.

Os outros autos, ou comédias, poderão ter sido representados em casas particulares ou em teatros públicos de Lisboa, como a indicação que figura na introdução do *Auto dos Cantarinhos*

¹ José Camões, *Editar novamente Onze Textos do Teatro Português do Século XVI*, tese de doutramento apresentada à Universidade de Lisboa, vol. 1, pp. 101-104.

ÍNDICE

| | |
|--------------------------------------|----|
| Introdução, por JOSÉ CAMÕES | 7 |
| <i>Nota de edição</i> | 17 |

AUTOS

| | |
|-------------------------------|-----|
| AUTO DA AVE MARIA | 23 |
| AUTO DO PROCURADOR | 127 |
| AUTO DO DESEMBARGADOR | 197 |
| AUTO DOS DOUS IRMÃOS | 261 |
| AUTO DA CIOSA | 327 |
| AUTO DO MOURO ENCANTADO | 391 |
| AUTO DOS CANTARINHOS | 475 |

*

| | |
|--|-----|
| <i>Glossário</i> | 557 |
| <i>Referências no teatro do século XVI</i> | 599 |
| <i>Apêndice</i> | 635 |
| <i>Bibliografia</i> | 713 |

*

| | |
|---|-----|
| O Teatro de António Prestes (notas de leitura), por Eugenio Asensio — 1954 | 721 |
|---|-----|